

“A Chama do Seu Amor!”

Agressividade: uma Perspectiva Teológica

Wilhelm Hüffmeier*

Agressividade e agressão trazem em si uma problemática que tem sido aprofundada cientificamente somente nos últimos cem anos¹. Nesse período, a psicologia das profundezas da consciência e a pesquisa sobre o comportamento humano têm destacado mais e mais o importante significado dessa problemática que, contudo, é tão antiga quanto o próprio ser humano. Falando de uma forma ampla, a história da humanidade é, por um lado, reação de agressões em cadeia e, por outro lado, a sempre nova tentação de reprimir, sublevar e digerir — respectivamente elaborar — agressividade. A teologia bem como a igreja cristã tiveram e têm parte importantíssima nesse processo. E isso de forma positiva e negativa. Quer dizer, seja na renúncia à qualquer forma de violência, ou no uso e propagação de violência com vistas à honra maior de Deus.

Essa história ambígua e equívoca da Cristandade levou à formulação de diferentes teses sobre o relacionamento entre fé cristã e agressividade. Teólogos e humanistas perceberam e percebem ainda hoje na fé cristã, especialmente na mensagem de Jesus, “o fundamento de uma ética de paz para todos os tempos” (Lew Kopelew). Psicólogos, entretanto, têm colocado destaque sobre o mandamento agressivo de se dominar a terra, como no Antigo Testamento, sobre elementos agressivos na pregação e no comportamento de Jesus e, certamente também, sobre as atrocidades e crueldades na história das igrejas. Tudo isso negaria o tido caráter pacifista da Cristandade. Também nessa perspectiva, o psicólogo de Heidelberg, Helm Stierlin², vê a imagem de Jesus como pintada pelos Evangelhos. Além da atitude pacifista de misericórdia e renúncia à qualquer forma de violência, ele constata em Jesus uma série de sinais atestando para uma postura inexorável, intolerante, sem misericórdia e disposta à violência. Os conflitos de Jesus com sua família, as duras exigências para com os discípulos, a separação e contraposição a esse mundo contêm, segundo Stierlin, uma predisposição maior para a agressividade do que para o pacifismo. Para terapias familiares e de grupo, Jesus se apresentaria, então, como uma pessoa e uma mensagem impossível de suportar; quer dizer, um perturbador constante.

As considerações que seguem intentam, pois, ser uma contribuição para uma possível resposta a essa relação do cristianismo com a agressividade, permeada por opiniões e julgamentos tão diversos e até mesmo contraditórios.

Se o fenômeno da agressividade é mesmo tão antigo quanto o ser humano, é evidente que o que hoje é discutido na filosofia e na psicologia sob o termo agressão já o era discutido em tempos idos sob outras expressões. O fenô-

meno da agressividade foi sempre tão vivo e evidente que certamente não passou despercebido aos pensadores antigos. A diferença é que antigamente não se dizia agressividade, mas sim *pathe, passiones, affectus*, isto é, paixões, afetos³. Evidentemente permanecem diferenças, mas boa parte do que hoje é definido no âmbito do termo “agressividade” (por exemplo, ciúme, inveja, ódio, violência brutal, desejo, ira, tristeza derivada de frustração) era atribuído, por pensadores teológicos e filosóficos antigos, às paixões que o ser humano tinha que dominar pelo poder da razão e como forma de obediência aos mandamentos divinos.

Com a proposta de analisarmos agressividade numa perspectiva teológica não entramos, de forma alguma, em terreno novo. Pelo contrário, encontramos e nos deparamos com velhos conhecidos. Mas antes de prosseguirmos na abordagem da inquietante questão da agressividade, precisamos traçar uma terceira consideração preliminar: o que é e o que significa ver, interpretar, elaborar e digerir alguma coisa teologicamente, isto é, numa perspectiva teológica?

Quando se propõe falar de agressividade numa visão teológica, para muitos isso já implica, *a priori*, numa oposição dura e severa. Já para os escolásticos, ira, ciúme, inveja, etc., pertenciam aos vícios que deveriam, pela oração e pelos dons do Espírito Santo, ser superados. Assim também, pensam muitos, a agressividade seria algo mal, uma inclinação nefasta, à qual a religião do amor ao próximo e ao inimigo necessariamente se contrapõe. Tal ótica — apesar de conter alguns elementos corretos — é demasiadamente limitada, bem como inadequada para o tratamento do fenômeno da agressividade. Além do mais, ver e interpretar alguma coisa teologicamente não significa em primeiro lugar julgar e emitir juízos de valor. Significa, outrossim, tentar entender alguma coisa a partir do horizonte do Deus criador, amante da vida, encarnado na existência de Jesus de Nazaré. Por isso, faz parte de uma perspectiva teológica uma interpretação a favor, em prol do ser humano. E isso, aplicado à agressividade, implica em que não é satisfatório simplesmente emitir apelos à humanidade e aos indivíduos, a fim de que lutem contra suas inclinações agressivas. Pelo contrário, no centro de uma atitude cristã para com a vida não está aquilo que nós mesmos temos que fazer, mas sim aquilo que alguém outro é e fez a favor de nós. E o que Deus é e fez a favor de nós também tem que ter suas conseqüências para considerações a respeito de um fenômeno tão humano como é o da agressividade. Essas considerações não podem se limitar a falar sobre nossas tarefas diante da agressividade. Pois a imposição de comportamentos como a repressão e o afastamento da agressividade, conforme um ângulo psicológico, somente aumentam ainda mais a disposição à agressividade, resultando em maior frustração acumulada. E, com razão os psicólogos destacam que frustrações são as causas primárias das agressões, sejam elas direcionadas contra o próprio indivíduo ou contra seu ambiente social. Forças reprimidas necessariamente precisam de válvulas de escape. Então, em resumo, ver algo numa perspectiva teológica significa ouvir e entender, antes de qualquer julgar e agir. Ouvir e entender a realidade não só como ela é, como

nós a enxergamos e experimentamos hoje, mas ouvir e entendê-la dentro do horizonte da história de Deus com a humanidade. Também com respeito à agressividade, teologicamente a primeira palavra não deve estar, nem com a psicologia, nem com as teorias do comportamento humano, mas sim com o testemunho bíblico. Nesse sentido, apresentamos e discutimos agora quatro pontos teologicamente importantes no tratamento da questão agressividade, a partir da perspectiva bíblica:

- I — As causas do comportamento agressivo, segundo o testemunho bíblico.
- II — A dupla face da agressividade na Bíblia.
- III — A transformação da agressividade destrutiva em construtiva.
- IV — Deus e a agressividade.

I — As Causas do Comportamento Agressivo, segundo o Testemunho Bíblico

Começamos com duas definições: a palavra agressão vem do latim “ad-gredi” e significa agredir, começar uma briga, uma luta. E entendemos por agressividade, a disposição humana de agir destrutivamente, seja individual ou socialmente. A agressão mesma é a concretização dessa disposição, sendo que os seus meios de expressão podem ser os mais variados⁴. Existe a violência dos braços e a das palavras. Ambas destróem, ambas podem matar. Daí falamos em agressividade braçal e em agressividade verbal.

Ora, existe uma antiga controvérsia na psicologia sobre se a agressividade é um impulso natural, que vem de dentro da pessoa para fora, ou se é uma reação provocada por determinados eventos e circunstâncias externas. Em outras palavras, se agressividade é predisposição ou se é originada pelo ambiente em que a pessoa se encontra. Sigmund Freud⁵ falava, na segunda fase da sua obra, de uma inclinação humana natural à destruição e à morte, chamada de “necrofilia”. H. Kunz, entre outros, se opôs com boas razões contra tal hipótese⁶. Outros ainda, como por exemplo A. Mitscherlich⁷, deixam a pergunta em aberto, pois não vêem aí uma alternativa. A Bíblia está junto dessa última perspectiva. De um lado, encontramos uma série de estórias bíblicas nas quais fica evidente que o ser humano não é de antemão agressivo, mas torna-se assim. Caim torna-se assassino do seu irmão (Gn 4); os irmãos de José tornam-se agressivos para com ele, já que é o preferido do pai (Gn 37); Pedro pega a espada e corta a orelha de Malco, exatamente no momento em que o seu Senhor é agredido e ameaçado (Jo 18.10s.; Mt 26.52); Judas, como conseqüência de uma vida frustrada, suicida-se. Em todos esses exemplos encontramos um tornar-se agressivo, ocasionado por certa pré-história conflituosa.

De outro lado, existem na Bíblia inúmeras estórias que falam de uma agressividade original, não causada por eventos externos, mas vinda de dentro das pessoas. Lembramos, então, da estória onde crianças, sem qualquer motivo aparente, comportam-se de maneira extremamente agressiva para com o

profeta Eliseu (2 Rs 2.23s). O canto sanguinário de Lameque, em Gn 4.23, também deixa transparecer violência e brutalidade destrutivas, que não parecem, de maneira alguma, adequadas à sua causa.

Parece, portanto, que a Bíblia contém ambas as possibilidades: agressividade como decorrente da natureza humana, e agressividade como reação a uma causa externa. Quais seriam, então, essas causas e que efeito teriam sobre os seres humanos? Identificamos quatro, que gostaríamos de analisar com base também em quatro estórias bíblicas:

- 1 — Eliseu: agressão por ter sido agredido.
- 2 — Caím: agressão por ter sido preterido por outro.
- 3 — Jó: agressão por ter sido humilhado sem razão aparente.
- 4 — Judas: auto-agressão decorrente de idealismo frustrado.

1 — Eliseu: Agressão por Ter Sido Agredido

Uma estória bem atípica no Antigo Testamento conta acerca de Eliseu, o sucessor do grande profeta Elias (2 Rs 2.23-25). Eliseu, assim narra a Bíblia, subiu a Betel, o antigo santuário de Israel. “E indo ele pelo caminho, uns rapazinhos saíram da cidade, e zombavam dele, dizendo-lhe: Calvo, sobe, calvo.” E como reage o profeta? Será que com calma, serenidade e amabilidade, afinal são apenas crianças que lhe afrontam? Pois, não! Nas Escrituras consta que: “Virando-se ele para trás, viu-os e os amaldiçoou em nome do Senhor. Então duas ursas saíram do bosque e despedaçaram quarenta e dois daqueles meninos”.

Temos aí uma estória verdadeiramente arcaica. Ela tem, aparentemente, dentro do contexto Deuteronomista, a função de inculcar que ninguém pode zombar de um profeta, de um escolhido de Deus, sem ser castigado⁸. Ao mesmo tempo, porém, a estória se presta como fonte da pesquisa teológica sobre agressividade e agressão. Fica evidente, em primeiro lugar, que um comportamento agressivo pode se valer de braços e de palavras. “Machucar o coração”, essa é a expressão utilizada por minha esposa quando ela entende que as palavras agridem. E ambas formas de agressão podem acontecer de repente, como que caídas do céu, como nos insultos proferidos pelas crianças. A seguir vem a reação agressiva do profeta. Amaldiçoando, ele destrói a vida das crianças. Também para ele vale: o que amaldiçoa está sob a maldição; agressão se reproduz em mais agressão. Fica ainda evidente como aquele que sofre a agressão perde a cabeça, ficando inseguro na escolha de meios adequados a uma reação. E, finalmente, o ponto alto, escandaloso, da ação de Eliseu: ele mesmo não faz muito, deixa outros fazerem o serviço, a agressão. Quem sabe essa foi uma atitude semelhante à dos fariseus e escribas que amotinaram o povo de Jerusalém e incitaram o governo romano, a fim de que matassem Jesus. Em todos os casos, essa pequena estória do Antigo Testamento nos revela que agressão pode acontecer como que de repente caída do céu; que agressão reproduz agressão, e que é extremamente difícil interromper essas reações em cadeia.

2 — Caim: Agressão por Ter Sido Preterido por Outro

As estórias e sagas no começo da Bíblia (Adão e Eva, Caim e Abel, Noé, Lameque, etc.) não querem somente expressar o que aconteceu antigamente e como era no princípio. Elas querem antes narrar sobre o que acontece sempre e em qualquer lugar nas relações entre os seres humanos e entre Deus e os seres humanos. A estória de Caim e de Abel tem significado especial para o tratamento dessa nossa problemática. Ela fala de agressão causada por uma expectativa frustrada, e pela preferência dada por Deus a uma outra pessoa. Caim enraiveceu-se, pois seu sacrifício não foi aceito por Deus; enquanto que o do seu irmão Abel não só foi aceito, como também abençoado. Caim confundiu a graça de Deus com uma justiça que reivindicava para si. Ele precisava aprender que ninguém tem direito à propriedade da graça de Deus. E esse é um processo de aprendizagem doloroso e de muita aflição, pois diz respeito à relação humana com Deus, mas também sobre a própria convivência humana. Na natureza e na vida humana existem diferentes precondições, predisposições e pontos de partida. A pessoa não pode reivindicar para si os mesmos dons, as mesmas precondições, só porque seu irmão os têm ou os recebeu. Viver nem sempre significa automaticamente prestar um serviço e esperar daí, como decorrência natural, um certo pagamento, um certo progresso. E na relação para com Deus essa lei não funciona, de jeito nenhum! Pois se não, a graça de Deus não seria graça. Ela tem que permanecer sob a tutela daquele que a dá. Caso contrário, graça não é dádiva incondicional, presente não devido. De maneira alguma isso implica a abolição de qualquer justiça social em prol duma postura onde o direito está nas mãos do mais forte. O problema da justiça está em outro plano. Porém, justiça não significa negligência das diferenças presentes na vida humana, tampouco uniformização e equalização. Deus não pratica injustiça para com Caim, ainda que ele o pense assim, e que exista nele um sentimento de ser tratado injustamente. Mas o que acontece com Caim está por detrás do problema da justiça social, que se encontra presente também em sociedades por nós consideradas como sendo mais justas.

Com um olhar psicológico bem treinado, o autor da estória conta como a agressividade nasce e cresce em Caim. Narra a Bíblia: “Irou-se, pois, sobremaneira Caim, e descaiu-lhe o semblante” (Gn 4.5). As conseqüências da preferência, tida como “indevida”, dada por Deus a Abel são descritas até nos gestos. Fica também claro que o ser humano não permanece sozinho na sua agressividade. Deus se intromete: “Por que andas irado? (...) Eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo está contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo” (Gn 4.6s). Deus lembra Caim que ele próprio deve trabalhar sua violenta agressividade. Ele poderia sair daquela situação mais forte e quicá mais humano. Ele tinha a possibilidade da humanização. Caim poderia ter compreendido a preferência dada a Abel como a chance para seu próprio processo humanizatório, como um desafio do qual ele poderia, con-

forme a vontade de Deus, sair vitorioso. Fica a pergunta se é masoquismo ou humanismo quando alguém pode, junto com Paul Gerhardt (HPV 371, verso 4 — “Sol Fulgente”), cantar: “Deixa-me ver com alegria/ sem qualquer inveja/ a bênção que tu concedeste/ à casa do próximo e do irmão.” Também essa interrogação, apesar das prementes necessidades impostas pelas lutas sociais, tem que ser colocada em seu contexto. Caim, no entanto, escolheu a outra possibilidade; e aí reside o seu pecado. Aqui fica mais uma vez evidente o que já Karl Barth ressaltava, qual seja, que o pecado é a opção impossível, é uma possibilidade que a princípio é totalmente excluída da consistência da humanidade. Ou, em resumo, o pecado é aqui apresentado como nossa irracionalidade humana⁹.

3 — Jó: Agressão por Ter Sido Humilhado sem Razão Aparente

No início da história de Jó, no Antigo Testamento, ele ganha, devido a sua piedade e seu bom comportamento, as ricas bênçãos de Deus. A seguir, no entanto, Deus decide prová-lo. Pois quer saber se Jó é piedoso por tirar vantagens disso (quer dizer, por ser abençoado por Deus e por poder viver bem), ou se ele realmente ama a Deus por causa de Deus mesmo, e não como decorrência de seus privilégios. Todas as bênçãos se vão: riquezas, crianças, saúde. Jó é assolado por uma doença, que o separa dos amigos e da própria mulher. Mas ele, a princípio, parece agüentar toda aquela situação. Sua mulher inclusive lhe recomenda: “Amaldiçoa a Deus e morre” (Jó 2.9). Jó responde: “Temos recebido o bem de Deus, e não receberíamos também o mal?” (Jó 2.11). Entretanto, uma coisa é dizer isso, outra bem diferente é conviver com esse dito diariamente. E em meio a essa experiência toda, Jó chega a um momento em que não agüenta mais. E é nesse ponto que sua estória toca na de Eliseu e as criancinhas e na de Caim. O próprio Deus passou a agredi-lo, isto é, tornou-se seu agressor. E Jó responde a essa agressão com fortíssimos ataques verbais contra Deus, que não chegamos a encontrar nem entre ateístas. Jó repreende Deus por sua crueldade e violência (Jó 30.21; 19.7), por sua arbitrariedade e atrocidade, por falta de compreensão e entendimento. Em conversas longas, ele luta com Deus, lhe dirige a palavra como se fora um procurador da justiça e, finalmente, amaldiçoa essa sua vida dada por Deus. Ele sabe, está convicto, que não fez coisa alguma que justificasse e que tornasse compreensível tal castigo e humilhação. Diferente de Caim, sua agressividade não é dirigida ao seu próximo (somente um pouco contra seus amigos teólogos — vide Jó 16.2), mas sim contra Deus mesmo. Exatamente por isso é que Jó é, finalmente, elogiado e louvado e honrado por Deus. Em Jó 42.7s. lemos: “O Senhor disse que Jó falou o que era reto e por isso Deus aceitará a oração dele e não a dos amigos piedosos.” Deus mesmo digeriu junto com Jó a agressividade, nascida e fomentada pela humilhação que o próprio Jó não podia entender.

4. Judas: Auto-Agressão como Consequência de Idealismo Frustrado

Judas é o exemplo bíblico de uma vida que, imersa em frustração, torna-se agressiva a tal ponto da agressividade ser direcionada contra o próprio agressor. Essa frustração gera em Judas, segundo os relatos bíblicos, vergonha do infame ato de trair seu Mestre e, ao mesmo tempo, terror frente à impossibilidade de desmanchar o que fora armado (Mt 27.3,4). Há ainda outras evidências que nos levam a revisar a apressada caracterização de Judas como sendo um bandido abjeto e avarento, unicamente interessado no mais elementar materialismo (compare Mc 14.10 com Mt 26.15). H. Conzelmann, por exemplo, considera essa prototipação de Judas como sendo “lendária”¹⁰. Associar Judas unicamente às 30 moedas de prata nos parece elementar demais, já que nossa tentativa é de entender a sua pessoa numa perspectiva holista. Nos próprios textos bíblicos Judas não é somente apresentado como o tesoureiro dos discípulos (Jo 12.6), mas também, junto com os demais, como porta-voz dos pobres (Mc 14.3s). Teriam, então, razão os filósofos, historiadores e escritores (como, por exemplo, Kazantzakis no romance *A Última Tentação de Cristo* e Scorsese no filme homônimo) que viram em Judas o idealista e visionário zelota convertido (“sicário”), cujo inflamado amor queria trazer o Reino de Deus à terra? Seguindo esse raciocínio, seria Judas, então, justamente aquele que queria que Jesus se entregasse aos judeus e aos romanos, demonstrando, assim, sua filiação divina?

E levando a sério essas considerações, isso implicaria que o idealismo frustrado de Judas o teria levado a dirigir agressão contra si mesmo, enforcando-se. Assim, ele teria se desesperado ante ao fato de que seu ideal mais alto (a radical revolução imediata daquela realidade de injustiça social) não se concretizaria, mesmo através de Jesus. Isso lhe teria tirado todo o sentido de vida e lhe levado a perder o próprio sentido da realidade. Repetimos: seria, portanto, o suicídio de Judas consequência de idealismo frustrado?

Seja como for, nos testemunhos bíblicos sobre Judas “não se encontra nenhuma palavra de repreensão acerca do suicídio enquanto tal”¹¹. Também chama a atenção a ausência de uma explícita contra-agressão cristã em contraste com a figura de Judas. Enquanto que na literatura pós-canônica Judas é tratado como um grande velhaco, que tem como mais do que merecido o terrível castigo divino (Papias de Hierápolis), no Evangelho de Mateus encontramos somente a escassa observação de que “enforcou-se” (Mt 27.5; At 1.18s). Que significados esconderia essa discrição? Quiçá que aquele que não mais vislumbrava ajuda sobre a terra, somente poderia, ainda, ser ajudado além da morte? Tal interpretação também é fomentada pelo fato de Jesus, a despeito de sua forte palavra de juízo, não expulsar Judas do círculo de discípulos com os quais celebra a Santa Ceia (Mc 14.24). Conforme a versão de Lucas, Judas teria participado da Ceia (Lc 22.19-23). Quer, pois, o Evangelista enfatizar o que também K. Lüthi diz: “Judas participa, assim, da dádiva do Banquete”¹²? Essa vida autodestrutiva estaria, então, também sendo iluminada pela Cruz de Cristo.

II — A Dupla Face da Agressividade

Agressividade tem uma dupla face, e isso também numa perspectiva bíblica. Ela não é, de maneira alguma, somente um fenômeno negativo. Pode muito bem ser uma força positiva. O renomado psicólogo alemão A. Mitscherlich, nos seus diversos estudos sobre a questão, estabeleceu a diferença entre uma agressividade desordenada e uma agressividade bem organizada¹³. Com isso ele queria distinguir entre uma energia destrutiva, não controlada, e uma potência construtiva, sob controle que, por seu lado, encara os problemas de forma decidida. Essa agressividade positiva, de caráter construtivo, é, sem dúvida alguma, pressuposto para que o ser humano consiga cumprir o mandato divino de sujeitar a natureza (Gn 1.28). Nesse sentido, é também possível discutir teologicamente a questão da agressividade como elemento presente na própria tradição da Criação da Humanidade, naturalmente levando-se a sério as implicações ecológicas. Os primeiros cristãos, por exemplo, somente foram confundidos com bêbados porque haviam saído de si mesmos e ido ao encontro dos outros (At 2.13). Possuíam uma força motora, impulsionadora. Nesse sentido, missão é, de certo modo, agressividade, respectivamente, agressão cristã. Não deixa de ser agressividade, impulso a outrem, de forma bem organizada.

A Bíblia, então, compartilha dessa percepção da face dupla da agressividade. Primeiros indícios disso já encontramos nos capítulos iniciais das Escrituras. Lá conta-se a respeito do agressivo e destrutivo Caim, assassino do seu irmão, que também foi o primeiro capaz de construir uma cidade (Gn 4.12). E isso não é possível sem grande força motriz. Aparentemente, em Caim agressividade destrutiva se transformou em força construtiva. Algo semelhante pode ser dito a respeito do impetuoso apóstolo Pedro, cuja agressividade desordenada canalizou-se para uma apaixonada atividade missionária.

Mas, há que se tomar cuidado! O testemunho bíblico não torna isso uma regra, dizendo que essa transformação sempre pode acontecer e então produzir bons frutos. Ele também relata acerca de pessoas que só conseguiam atuar de forma destrutiva. Há, por exemplo, a estória de Sansão (Jz 13-16), que a princípio sabe manejar bem o superávit de sua agressividade, mas no final seu manuseio desajeitado leva a ele próprio e aos seus circundantes à calamidade. A bem da verdade, a Bíblia traz em si a convicção de que em grande parte das agressões não acontece algo necessariamente mau, a ser imediatamente condenado; mas sim que elas demonstram a vida ferida, remetem à recriação da vida. Erich Fromm de certo modo percebeu o núcleo dessa convicção bíblica, ao dizer que: “Destruição é o resultado de vida não vivida.”¹⁴ A agressividade da vida não vivida é a defesa legítima dos oprimidos e humilhados, daqueles que foram enganados pela vida e

que sempre ficaram para trás. Em meio à agressão reluz um sinal de alerta, de advertência; para aquele que age agressivamente e para seu contexto tão afetado por isso. Há que se agir construtivamente em face desse sinal, senão inevitavelmente acontece catástrofe. Ao não prestarem atenção às agressões, não só latentes mas já escancaradamente aparentes, os Estados constituídos comportam-se como doentes que não querem reconhecer seus tumores; estando, assim, ainda mais fadados ao colapso. As instâncias governamentais são, pois, chamadas a levarem a sério e a entrarem em diálogo com a agressividade que vem sendo — espera-se que cada vez mais —, construtivamente, elaborada no âmbito das organizações populares.

Os agressivos protestos de Jó contra a assim sentida injustiça divina não são coisa tola, sem sentido; pelo contrário, é através deles que, no final da estória, Jó é louvado por Deus, enquanto que os dóceis e acomodados amigos são chamados de bobos, afinal “não falaram o que era reto” (Jó 42.3). Também em Jesus, o pregador do Sermão da Montanha e vítima de uma agressão coletiva bem planejada e mortalmente levada a cabo, encontramos elementos de uma agressividade organizada e canalizada construtivamente. E isso tanto no relacionamento com seus pais (Lc 2.41s), irmãos (Mc 3.31-35), quanto especialmente no trato com os fariseus e escribas, as autoridades de então (Mt 23). Justa e exatamente ele, protótipo e personificação do amor, conhece e pratica agressão. É a ira agressiva do amor, que tudo suporta, que tudo agüenta, menos a ruína, a destruição, da pessoa amada. Agostinho estava correto ao dizer: “O amor machuca, e o mau desejo fala manso. O amigo é capaz de se irar e ama; e o inimigo dissimulado fala bem e odeia.”¹⁵ Quer dizer, amor e agressividade bem canalizada não se excluem, mas se complementam.

Resta-nos agora, no que segue, perguntar e demonstrar como e por que meios é possível a transformação de agressividade destrutiva em construtiva. Isso é, como uma agressividade disposta à destruição pode e tem que ser assimilada pelo indivíduo e pela sociedade.

III — Transformação de Agressividade Destrutiva em Construtiva

“A eliminação direta dos maus impulsos é tarefa impossível para a pedagogia”, escreveu certa vez o famoso pedagogo F. W. Föerster¹⁶. Com esse dito ele tomava posição contra a afirmação do poeta alemão Jean Paul de que “o cultivo do coração não começa com o plantio das boas inclinações, mas sim com a eliminação das más”¹⁷. Uma vez arrancado o joio, dizia o poeta, a flor ergue-se por si mesma e chega ao seu brilho máximo. Mas para Föerster, isso é totalmente falso com respeito à natureza humana. A agressividade — seja ela inclinação natural ou reação elementar — está tão radicada nas profundezas das pessoas que ela não se deixa eliminar, assim como o joio. Pelo contrário, quando ela é atacada diretamente, com

força, tende a se intensificar. Quem lida com crianças e suas agressões pode observar isso de forma clara. Quem tenta pôr fim às suas pequenas agressões com o exercício de força só vai piorar a situação. O que ajuda as crianças é diversão imersa em processo de compreensão e assimilação da agressividade. Em muitos casos isso também vale para os adultos. Se bem que sempre pode ser mal usado, como por exemplo com as peripécias dos políticos: “pão e jogo”. Lembremo-nos do que Jesus disse a Pedro no Getsêmani: “Todos os que lançam mão da espada, pela espada perecerão” (Mt 26.52). Quem reage às agressões com contra-agressões aumenta o caos, a calamidade. E Jesus desvia Pedro desse caminho e o traz para o seu próprio caminho, o caminho do amor, que também se impõe, mas sem força e sem violência. E é exatamente esse novo caminho que dá a Pedro a oportunidade dele ativar sua energia agressiva.

É esse caminho, esse desvio, tem que ter caráter inspirador, para que de fato a agressividade desajeitada possa vir a ser transformada. Isso acontece muitas vezes quando pessoas sempre sisudas, brabas, começam a tocar algum instrumento musical. Pela música elas canalizam sua energia desnor-teada, transformando frustração em alegria, carência em abundância. Förster, no seu livro já citado, conta de um rapaz que tinha um comportamento insuportável, até finalmente encontrar na música, especificamente no ensaio de trompete, o objeto certo para canalização de sua agressividade. É evidente que se pode argumentar contra isso, dizendo tratar-se de nada mais do que um truque pedagógico, bastante individualista, e que não é possível ser recomendado como receita. Concordamos com esses argumentos, já que em termos de transformação de agressividade não há, de fato, receitas pré-estabelecidas. Pode-se somente falar de valores oriundos de experiências práticas. E se às frustradas necessidades vitais são mesmo o dinamite da agressividade, então seu controle e assimilação têm que levar em conta a experiência pedagógica.

Mas permaneçamos ainda mais um pouco ao redor daquele processo por nós até aqui chamado de desvio calculado. Agressividade destrutiva acumulada leva ao fechamento da pessoa em si mesma. Muitas vezes ela age ainda precipitadamente, sem cálculo das possíveis conseqüências, querendo forçar eventuais soluções. Mas quem ajuda essa pessoa a desviar sua energia desajeitada para um novo caminho, ajuda com que novas possibilidades se abram para ela. Desviar tem a ver com interromper um processo calamitoso, canalizando essa energia agressiva para objetivos mais humanizantes.

Tal interrupção pode também consistir numa separação da agressividade do seu objeto. Por exemplo, quando Jacó “roubou” a bênção paternal do seu irmão Esaú, ele *fugiu*, pois Esaú estava com raiva tamanha a ponto de querer matá-lo (Gn 27); e quando a proximidade entre os pastores das ovelhas de Abraão e de Ló tornou-se motivação de agressões, o tio e o sobrinho decidiram *separar-se* (Gn 13). Quer dizer, separação, distância espacial e temporal, podem também ser meios para o controle da agressivi-

dade. No caso de Jacó, depois de muitos anos a ira do seu irmão desvaneceu e reconciliação tornou-se possível. E Jacó, então, pôde dizer a Esaú: “Olho o teu rosto como se tivesse contemplado o semblante de Deus” (Gn 33.10). A separação do ser humano agressivo do seu objeto de agressão pode também paralelizar a transformação necessária para a implantação de justiça distributiva igualitária entre os povos. É mais do que necessário que a falta de condições justas para uma vivência social seja causa motriz de agressões, através das quais a vida ferida pede a palavra. Não é por mero acaso que, conforme conta 1 Rs 12, as tribos do Norte de Israel separaram-se agressivamente do Sul por terem tido negado o necessário alívio no pagamento de impostos. Roboão não quis seguir os conselhos dos anciãos, que insistiam na aplicação das leis fiscais como tinham sido determinadas por seu pai, Salomão. A separação foi, pois, a alternativa de sobrevivência para o povo do Norte. É lógico que essa constatação não deve ser tomada como regra, ou mesmo como conselho. Naquela situação específica de Israel, separação apresentava-se como sendo a alternativa construtiva restante. Entretanto, é sempre importante termos bem presente que separação brusca pode também ocasionar infinitos outros problemas paralelos.

Outra possibilidade de transformação da agressividade destrutiva consiste no autodomínio, como exigência da razão. Quando Caim irou-se sobremaneira e caiu-se-lhe o semblante, por um momento ele constata: “Eis que o pecado jaz à minha porta.” E Deus lhe diz: “Teu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo” (Gn 4.4). Essa exortação não é moralismo vazio, mas sim expressão da confiança divina na possibilidade de autodomínio humano. Além de necrofilia, o ser humano tem o poder de parar com o encadeamento destrutivo e mortal da agressividade, porque talvez também compreenda que o que lhe espera no final é sua própria destruição. E é no reconhecimento dessa potencialidade tanto de morte, quanto de vida, que também residem nossas esperanças por uma alteração a favor de Paz no que se refere aos assim denominados conflitos entre Leste e Oeste. As políticas de *Glasnost* e de *Perestroika*, fomentadas por Gorbatschow, vão de encontro a tal consciência crítica. Porém, a confiança incondicional no funcionamento da razão não é suficiente. A razão precisa co-existir, seja na pessoa humana ou na sociedade, com outras forças e poderes. Acertadamente muitos psicólogos afirmam que os fundamentos do tratamento da energia agressiva são colocados nos primórdios da infância, e que os pais, particularmente as mães, desempenham aí um papel destacado. Nesse sentido, os pais precisam cuidar para que não se exija da criança nada que antes ela não tenha recebido. Nenhuma pessoa pode confiar sem antes ter experimentado confiança; ninguém pode amar sem antes ter recebido amor; assim como ninguém pode falar sem antes ter ouvido, e especialmente ouvido com carinho e conforto. A transformação da energia agressiva destrutiva começa por aí.

É evidente que uma pessoa sozinha não pode conseguir a transforma-

ção da destruição em construção. Isso é uma tarefa plural e social. Agressões e agressividade são de uma maneira geral uma expressão positiva para a sociedade. Pois apontam para os seus déficits. E para a assimilação desses déficits é necessária a fantasia de se saber desviar e interromper o processo destrutivo da agressividade, bem como a paciência da solidariedade permanente entre os seres humanos. E aonde fica Deus nessa história? Chego, pois, ao último ponto das minhas considerações.

IV — Deus e a Agressividade

Depois de todas essas considerações já traçadas, é evidente que fica totalmente excluída a possibilidade de que Deus entre em cena como sendo a “receita” contra a agressividade humana. Pelo contrário. E isso nos mostra a estória de Jó. O próprio Deus é ali causa da agressividade dirigida a Ele. A pergunta pela justiça de Deus leva Jó a proferir agressões contra o próprio Deus, que dificilmente encontram paralelo na tradição judaico-cristã. Na justificação de Jó, Deus revela que também lhe justificou as agressões. Não somente as tolerou, mas as atraiu para si, assim como o pára-raios atrai o relâmpago. Deus quer ser o que nenhum ser humano deve ser: o objeto de nossas agressões e agressividades. Na Palavra da Cruz está indubitavelmente dito que Deus permitiu tornar-se objeto de agressão mortal. Por isso a Palavra da Cruz é “força de Deus” (1 Co 1.18). Podemos e devemos dirigir a ele tudo o que nos frustra. Ele quer receber nossos gritos de desespero, lamentações, suspiros e se propõe a digeri-los em favor de nós.

Os psicólogos falam acerca de agressão substitutiva. E com isso pensam que a agressividade sempre está à procura de objetos mais facilmente acessíveis. Pois Deus quer ser tal objeto, quando a pergunta por sua justiça nos leva ao desespero agressivo. O alívio que isso traz consigo é a experiência, o sentir do amor de Deus. Aliás, nosso relacionamento com Deus pode ser comparado com o mistério que envolve a construção das catedrais. E em que consiste ele? Na inter-relação de uma grande tensão e de uma distensão ainda maior. A abóbada do teto produz a tensão que é desviada para o fundamento pelos arcos e pelas colunas. Na falta dessa distensão a construção vai cair sobre si mesma. Falar com Deus, dirigir-lhe nossas agressividades, é alívio, é desvio para o fundamento que sustenta tudo, que carrega todo o universo.

Se tomarmos os profetas bíblicos, por exemplo Jeremias e Dêutero e Trito-Isaías, podemos fazer observações semelhantes ao comportamento de crianças agressivas. Assim que são agredidas, elas passam quase que imediatamente essas agressões adiante. Através de suas lamentações, os profetas remetem a Deus as frustrações experimentadas. Distensão aqui significa, então, desvio das agressões sofridas para Deus. E Deus as quer receber e trans-

formar. Faz isso no lugar de toda a humanidade, sendo que essa transformação de agressividade destrutiva em possibilidade construtiva é parte integrante do seu benefício constante a favor de todos nós!

E o que temos a dizer sobre a agressividade do próprio Deus? Ou seja, chamar Deus de agressor: é isso uma linguagem inconveniente para se dirigir a ele porque muito humana e, mais precisamente, antropomórfica? De qualquer maneira, a Bíblia fala sobre a ira de Deus de forma mais freqüente e intensiva do que da ira das criaturas humanas. A ira agressiva de Deus não pode, pois, ser relativizada como apenas uma representação humanizante de Deus — tentação essa sempre de novo presente na história da teologia, como atesta, por exemplo, F. Schleiermacher. Além do mais, conforme o testemunho bíblico, a ira de Deus, envolta em enigmáticos mistérios, não é nem percebida como uma irracional explosão de raiva, nem como sórdido poder de impôr desgraças. Essa ira deve, outrossim, ser percebida como expressão do seu estar vivo e apegado à vida humana. Com repugnância divina contra o pecado e o mal, Deus dirige-se também contra o pecador. Isso se torna a oposição de Deus, a qual também somos forçados a experimentar. Mas é a oposição de um Deus que, a princípio, é gracioso. Com razão, portanto, Barth objetou a Ritschl que, devido a essa experiência de oposição, queria renunciar à discussão da ira de Deus: “Ao eliminar a ira de Deus, Ritschl também eliminou sua graça e seu amor.”¹⁸ A ira de Deus é, como demonstra Barth na sua exposição sobre Êx 3.2, nada menos do que a chama do seu amor. Chama que queima, que destrói o pecado, mas não consome o pecador. Nesse sentido, temos que falar da ira de Deus como sendo uma agressividade bem ordenada e construtivamente direcionada. E para o que ela aponta? Para a revelação e o aniquilamento do pecado e do mal. O mesmo aconteceu, segundo o Novo Testamento, mas agora de forma fundamental e de vez por todas, na cruz de Jesus Cristo. A ira agressiva de Deus é carregada de tamanho amor pela humanidade, que ele próprio assume as conseqüências dessa agressão. Ele, por assim dizer, torna-se, pela humanidade, objeto de sua própria justa ira. “Somente Deus mesmo poderia suportar a ira de Deus”, diz Barth¹⁹. Ao fazer isso, Deus expressa de forma maior o seu amor. Assim, nós somos desviados de tal justa agressão.

Entretanto, não é possível elementar e trivialmente deduzir daí que, então, a ira de Deus não mais flui de encontro a alguém ou a alguma coisa. Mas podemos, isso sim, ter certeza de que na essência dessa forma de agressão de Deus está a preocupação de que nós sejamos preservados. E preservação também haverá de ser nossa preocupação enquanto nos valem de justa agressividade no combate da injustiça e do mal.

Mas mesmo com tais constatações e reconhecimentos não temos, de maneira alguma, resolvido absolutamente toda complexidade envolvendo a questão Deus e agressividade (a divina e a humana). Há um sem-número de experiências a ver com destruição e destrutividade — desde tumores ma-

lignos em corpos amigos a opressivas estruturas sociais — que simplesmente não conseguimos entender. O que teriam elas a ver com Deus? Ou Deus com elas? Seriam elas expressão de sua ira? Expressão de sua agressão? Ou meios através dos quais evidencia-se sua capacidade de tudo fazer, sua onipotência? Ou, então, ação de poderes humanos por Deus autorizados? Pois, na tradição teológica há também distintas e infundáveis tentativas de se responder a essas indagações. Mas, em vista dessas multifacetadas e racionalmente inexplicáveis agressões por nós sofridas, e na presença de Deus, há — e com isso a teologia deveria concordar — por demais mistérios envolvendo as obras divinas que, de uma forma ou outra, só podem mesmo ser por nós elaborados numa vivência cotidiana mais e mais solidária com a fé, a esperança e o amor. E essa é sempre nossa alternativa. Tendo também sempre presente que a promessa de alívio, dada por Jesus (Mt 11.18,29) direciona-se justamente para todos os cansados e sobrecarregados!

Notas

- * Observação: Esse artigo foi apresentado como palestra na Faculdade de Teologia da IECLB, em outubro de 1987, sendo que a partir de discussões com João Guilherme Biehl ele foi revisado e editado no sentido de uma maior contextualização latino-americana. O autor é muito grato pela possibilidade desse diálogo intercontinental e pelo esmerado trabalho editorial.
- 1 Vide o artigo de U. Schönplflug, “Aggression”, in: *Historisches Wörterbuch der Philosophie*, org. por J. Ritter et alii, vol. 1, Darmstadt, 1971, p. 103s.
- 2 Vide revista *Der Spiegel*, Hamburg, 1982, n. 35, p. 88.
- 3 Vide a enumeração das paixões (*pathe*) por Aristóteles em *ethica Nicomachea* II, par. 1105 b 21-23. Platão fala nas poderosas e imperiosas paixões (*Timaios* 69 c) que expulsam o bem e proferem conselhos irrefletidos.
- 4 Essa diferenciação aparece no artigo de Schönplflug, op. cit.
- 5 Vide Sigmund Freud, “Das Ich und Es”, in: *Studienausgabe*, vol. III, Frankfurt, 1975, p. 307-314.
- 6 Vide o artigo de H. Kunz “Zur Problematik der Aggression”, in: *Bis hierher und nicht weiter; ist die menschliche Aggression unbefriedbar?*, org. por A. Mitscherlich, München, 1969, p. 245s., onde se tenta provar que “o comportamento agressivo-destrutivo dos seres humanos e dos animais é somente bem pouco — caso o seja — originado por periodicamente ritmados impulsos endógenos”, p. 261.
- 7 Vide o artigo de A. Mitscherlich, “Aggression — Spontaneität — Gehorsam”, in: *Bis hierher und nicht weiter*, p. 66s.
- 8 Vide E. Würthwein, *Die Bücher der Könige*; 1. Kön. 17 — 2. Kön. 25 (ATD, vol. II,2), Göttingen, 1984, p. 278: “Quem zomba de profeta tem que pagar com a própria vida.”
- 9 Vide a exposição de K. Barth sobre Gn 3.16s., no livro de W. Krötke, *Sünde und Nichtiges bei Karl Barth*, Neukirchen, 1983, p. 670.

- 10 Vide *Geschichte des Urchristentums* (NTD Ergänzungsreihe 5), Göttingen, 1969, p. 130.
- 11 Karl Barth, *KD III/4*, p. 465.
- 12 K. Lüthi, “Das Problem des Judas Iskariot — neu untersucht”, in: *Ev. Theol.*, 16, 1956, p. 114s.
- 13 A. Mitscherlich, op. cit., p. 100s.
- 14 Erich Fromm, *Die Furcht vor der Freiheit*, Ullstein-Buch, n. 35178, Ullstein-Materialien, Frankfurt/Berlin/Wien, 1984, p. 161.
- 15 Vide os citados de Agostinho na *Patrologia Migne* 35, 2023, e 38, 322, segundo J. Pieper, *Über die Liebe*, München, 1972, p. 67.
- 16 F. W. Foerster, *Die Hauptaufgaben der Erziehung*, Freiburg/Basel/Wien, 1959, p. 148.
- 17 Citado por Foerster, op. cit., p. 148.
- 18 Karl Barth, *KD II*, 1, p. 411.
- 19 Karl Barth, *KD II*, 1, p. 450.